
ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL: O USO DE IMAGENS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS EM CONTEXTO AMAZÔNICO - ENTREVISTA COM O PROFESSOR LUCIANO MAGNUS DE ARAÚJO

ENTREVISTADOR
Vinícius Barriga¹

<https://orcid.org/0000-0002-1907-2122>
<http://lattes.cnpq.br/7535311665408965>

O professor Luciano Magnus de Araújo, vinculado ao colegiado de Ciências Sociais e Sociologia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), é mestre e graduado



em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e atualmente coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Antropologia Visual, da Imagem, do Som, Linguagens, Memória e Identidades (NAIMI). Possui vasta experiência com os temas Memória, Comunidades Tradicionais, Demandas Territoriais, Sociologia e Antropologia Urbana e Antropologia Visual e da Imagem. Suas produções estão atravessadas pela regionalidade amazônica, atuando no Amapá, o professor Luciano nos

oferece um ponto de vista privilegiado acerca do uso de narrativas visuais em estudos amazônicos.

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Formado em Psicanálise pela Associação Brasileira de Psicanálise Clínica e mestrando em Antropologia pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa. E-mail: vsbarriga@gmail.com.

O objetivo desta entrevista é duplo: colocar em reflexividade os problemas metodológicos, epistemológicos e políticos do uso de imagens nas Ciências Sociais; apontar as potencialidades da imagem como fonte de dados para a pesquisa social, como instrumento heurístico de leitura da sociedade, sua estrutura e imaginário, bem como debater as potencialidades da imagem como representação científica da sociedade.

1) É gratificante a oportunidade de entrevistá-lo, agradeço. Como ponto de partida, o itinerário acadêmico, enquanto fato social, exorta uma questão central na sociologia contemporânea, qual seja, a oposição entre agente e estrutura, neste sentido, pergunto: você, como professor e como agente, escolheu deliberadamente trabalhar com imagens ou, por motivos contextuais, as próprias imagens escolheram trabalhar convosco? Conte-nos acerca de sua biografia acadêmica.

Agradeço a lembrança de meu nome para uma conversa. Começo dizendo que a biografia acadêmica é precedida por momentos biográficos outros que acabam por compor sínteses possíveis. De certa forma as imagens sempre foram coisas, para alimentar o conceito que você usa de fato social, portanto, as imagens sempre foram coisas significativas e potenciais para mim. Lembranças são imagens passando por sensações, vivências, ali estão as imagens que tomam conta do ser no mundo. Os contextos ao longo do tempo vão se adensando em termos desses campos de imagens. As imagens de infância, os álbuns de fotografia da família, a presença da televisão em fins da década de setenta e ao longo da década de oitenta, os monóculos e seus negativos, as máquinas fotográficas manuais de uso único, as primeiras experiências com fotografias a partir das máquinas automáticas, registros caseiros e que o tempo trata de deixar sobreviver ou não. Mas foram essas experiências de contemplar as fotos de família, guardadas, que de alguma forma certamente me permitiram começar a ver o mundo com olhos de um tempo tornado diferente, um tempo congelado, mesmo que à época não houvesse essa clareza, mas ali estava uma semente de uma pessoa que via nas fotografias algo curioso: quem fez as imagens? Como foi? Questões que, à medida que o indivíduo vai ampliando seus meios de conhecimento, tornam-se cada vez mais cheias de relações. Esse agente vai respondendo as provocações da estrutura e provocando a estrutura para novas reverberações. A caminhada até chegar ao ambiente acadêmico teve algumas aproximações e afastamentos com o campo das imagens. Mas as aproximações ganharam em conquista. A estrutura universitária possibilitou um encontro com a imagem de outra natureza, entre a prática, a teoria e as amizades e parcerias. Foi na universidade, na rotina de grupo de pesquisa, de trabalhos de campo orientados, na aproximação das atividades com a professora Lisabete Coradini, que coordena o NAVIS na UFRN, que se expandiu o olhar para a imagem, para a fotografia, suas possibilidades

num contexto de prática e percepção acadêmica, na prática antropológica, na pesquisa urbana, nas feiras, nos bairros da cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte. A importância dos grupos de estudos e pesquisa é algo fundamental na formação acadêmica. Por outro lado, as parcerias, os amigos, colegas de graduação, depois mestrado, adicionaram outros elementos para compor essa visão e presença da imagem. A descoberta de novos equipamentos, a troca de ideias, o clube informal dos possuidores da velha maquina Zenit. Esse conjunto de elementos, entre estruturas e agentes, compõem uma formação que ainda está em processo, enquanto há vida.

2) A “crise dos paradigmas”, senão o paradigma das crises, nas ciências sociais, a partir da segunda metade do século XX, transgrediu certas perspectivas até então hegemônicas no fazer científico, desvelando as fragilidades e limites epistemológicos dos macromodelos teóricos em voga. Eis aqui o desmantelamento dos parâmetros de cientificidade da modernidade e uma efervescência na busca de alternativas ao status quo científico. Clifford Geertz², na década de 70, surge como um dos responsáveis pela virada hermenêutica nas ciências sociais, sua orientação analítica de considerar a cultura como um conjunto de textos desbotados, com rasuras e emendas, o qual o cientista deve interpretar, consolidou-se como alternativa. Entretanto, décadas depois, esta alternativa mesma tornou-se hegemônica. Para você, no que concerne ao fazer científico, em que condições a imagem é alternativa ao texto? Parafraseando Geertz, quais as implicações de considerar a cultura como conjunto de imagens?

Essa expressão, crise de paradigmas, já foi mais presente no campo das ciências, em especial das Ciências Sociais. Talvez, quem sabe, pensar a evidência da influência de um paradigma vigente no fazer científico atual tornou-se algo fora de moda, quem sabe a crise instalou algo que ainda não permitiu o surgimento de um modelo que a tudo enquadre e direcione. Quem sabe não exista mais força e contexto para uma interpretação, uma que abarque tudo em sua interpretação. Em meio a esses contextos indefinidos vivemos a multiplicidade desafiadora. A imagem de Geertz ainda tem alcance e talvez possa ser tensionada para outros contextos, como fica bem presente nas maneiras de apropriações e adequações de hoje. Nisso é possível imaginar que tratando sobre cultura temos igualmente perspectivas, as tais visões de mundo, os *ethos*, como categoria mais ampliada, mas certamente o que fica é a ideia que somos criaturas concebidas e conceptores de cultura. Óbvia constatação. Prontos para viver mil vidas, mas que escolhemos um adereço, talvez mais de um, mas num elenco limitado apenas por nossa possibilidade de estar no mundo. Que ao mesmo tempo traz uma mensagem paradoxal: qual o limite de nossa liberdade de ser e estar? Se há arte, se há vida doméstica, se há atividade social, militância científica, política, tantos recortes; que

² GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

parecem competir com forças em contrário, com negações, com negacionismos atualizados. Esse cenário desafia o fazer científico. A crise vivida hoje é de negação das possibilidades. E se aquilo que é da seara científica é tanto um retrato da vida, se me permite usar uma ilustração, já que estamos no campo da imagem, talvez seja possível pensar que esse fazer científico é provocado, instado a pensa-se como potência de liberdade também. O pressuposto epistemológico acompanha crises e disputas. Crises na maneira de ver e se expressar, disputas por espaços de interpretação e legitimidade. A imagem não ficaria de fora da luta dos suportes de evidência, a internet, os meios, as redes sociais, a televisão, o cinema. Há uma luta atualizada de narrativas, palavra tão desgastada. Sobre maneiras de narrar e sentidos. Uma luta por expressão que encontra na imagem ao mesmo tempo lugar acolhedor, mas igualmente outra demanda de luta e embates. Como construir expressividade por meio da imagem? Quem é possível alcançar? Quais desdobramentos? Quais aprendizados são exigidos e suas expressões contextuais sobre a evidência e onipresença das imagens? Há a necessidade de apreender as características desse texto imagético, sua leitura, seus domínios e limites para uso e troca. Vivemos um mundo criado por imagens, e imagens das imagens, suas representações. O paradoxo, parece, é que tudo que é feito de grande dificuldade de apreensão possui uma circulação livre em seus aspectos de consumo e circulação. Usamos e trocamos muitas imagens no nosso cotidiano, como resultado da manipulação que as novas comunicações possibilitam, mas entendemos menos do que deveríamos sobre essas apropriações, trânsitos e desdobramentos.

3) B. Malinowski³, no realismo etnográfico presente em Argonautas do Pacífico Ocidental, é considerado um dos pioneiros no uso de fotografias no trabalho etnográfico. O antropólogo polonês, atendendo às regras da objetividade científica em voga no seu contexto histórico-intelectual, faz um uso estritamente documental das fotografias, isto é, utiliza-as como mera ilustração da sua narrativa etnográfica. Destarte, a polissemia das imagens seria reduzida e orientada pelo contexto significativo que a descrição etnográfica, enquanto texto, cria. Atualmente, com o desenvolvimento da Antropologia Visual com as narrativas visuais é possível pensarmos em um uso das imagens para além dos grilhões que a prendem em um escopo meramente documental?

A ideia da fotografia como documento da realidade não é algo unanimemente aceita. Há controvérsias sobre as verdades que a imagem fotográfica ou audiovisual pretendem mostrar. É bem certo que as idas e vindas que os registros de pesquisa, acumulados ao longo dos anos no campo da antropologia, nos permite, no mínimo especular, sobre as condições em que foram criados e quais eram os objetivos no resumo dessas pesquisas. Quando vemos registros fotográficos já clássicos como as fotografias

³ MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

de *Balinese Character: A Photographic Analysis*, de Gregory Bateson e Margaret Mead, publicado em 1942. Ou o livro *Saudades de São Paulo*, de Claude Lévi-Strauss com registros feitos entre 1935 e 1938. Quando vemos *Nanook of the North*, feito por Robert Flaherty, em 1922. Quando vemos um documentário mais recente como *Tunniit: Retracing the Lines of Inuit Tattoos*, de Alethea Arnaquq-Baril, feito em 2011. Não vou me alongar demais na lista para não parecer cansativo ou pedante, mas quando vemos esses registros temos uma dimensão do quão a imagem e seus usos em campos de pesquisa ou documental é desafiada desde o primeiro momento que pioneiros como Malinowski se propuseram a trabalhar esse recurso-linguagem. Esses desafios não acabam e certamente não terão fim. Barthes aponta sobre esse caráter realista da fotografia. Os desafios de aprendizagem dessa forma de expressão, ainda mais em meio as rugas sobre a objetividade como característica do que é científico. Importante é destacar que ainda há na academia a discussão sobre essa pretensa objetividade científica, sobre o que é e não é científico por não seguir um certo modelo, padrão linear, comprobatório, esquemático. As formas de expressão dos contextos de conhecimentos das chamadas ciências humanas e sociais ainda sofrem com esse dilema criado fora. Mas assimilado e potencializado muitas vezes pelos próprios participantes desses campos de conhecimento. Construir conhecimento já deveria ser reconhecido como um nível de prática merecedora de respeito, independente de como se chega a esse conhecimento, ou como é expresso. No contexto dos usos e percepções sobre imagens sempre estarão presentes as dimensões simbólicas e processuais que caracterizam essa forma de objeto-processo, as imagens. Algo que igualmente ocorre com as coisas-processos na química, biologia, matemáticas e físicas. Cada um desses campos trabalhando suas máquinas, mecanismos, mitologias e ritualísticas. A quem se arvora a usar imagens - estáticas ou em movimento - é preciso saber que já há uma historicidade, uma tradição, contextos que tratam desses usos e suas reflexões. As linguagens imagéticas já se cruzam em outras formas-processos a partir dos meios digitais, das elaborações imersivas, virtuais. Um mundo potencial está por vir com o chamado metaverso, com as Inteligências Artificiais... Mas a dita realidade material, cotidiana, o real mais próximo ao olhar sempre estará aí, nos provocando, assim como nos provoca as realidades dos ecrãs à nossa frente.

4) Problema metodológico: em uma narrativa visual, como conciliar a polissemia intrínseca às imagens com o princípio da objetividade que demanda a univocidade semântica no fazer científico?

A narrativa visual segue a mesma natureza de problemas e potenciais que a construção do texto escrito. Claro, com suas particularidades enquanto linguagem e expressão a fotografia guarda aproximações sobre o que contar quando se tem um

acervo, um conjunto. O que não incluir, o que se quer dizer, sugerir, destacar. Talvez o maior problema seja pensar o instante da escolha do que merece ser reunido numa sequência fotográfica de discurso, o que cada fotograma, individualmente, pode dizer, está dizendo, e como seria reunido com outras unidades. Mas vale destacar o que há de tão objetivo quando se faz uma fotografia, uma sequência de fotografias, um vídeo. A ludicidade de se estar com uma câmera na mão em meio a um cenário, caçando motivos para registros, tudo isso, quem sabe recorde bem pouco de alguma objetividade técnica sobre enquadramentos, velocidade, obturador, luz, ainda que essa técnica esteja no subliminar do ato. Ou por outro lado, quem sabe, naqueles lampejos de instantes da escolha sobre o que fotografar venha toda a lembrança da herança e escolha teórica acumulada sobre grandes fotógrafos e fotógrafas a partir de suas pesquisas, etnografias, antropologias visuais, filmes. É possível pensar em todos esses pontos como sendo uma convivência de elementos dispersos que o momento reúne e reaviva, tudo junto, sem exclusividade de influência. Mas, para quem fotografa e costuma andar, estar na rua com seu equipamento, o exercício de objetividade, penso, é feito em momentos: olhar, olhar, olhar, registrar, agenciado tudo isso que fiz referência e mais, e depois o momento da escolha, da edição. Nesse sentido, tendo a dizer que o uso da imagem em pesquisa científica nos convida ao movimento de ir a campo e voltar ao gabinete, para descarregar os cartões de memória e trabalhar o que foi previamente visto no visor da câmera. Antes essa possibilidade não existia, o filme, a película, era sempre um momento de mistério e suspense sobre o registro. Se houve registro ou queima do filme, como se dizia. De toda forma, essa dita objetividade científica e a construção de narrativas visuais continua sendo o resultado de potências, polêmicas e práticas. Em relação a certo discurso científico que protagoniza a construção de conhecimento, podemos pensar cada voz no campo científico ou cada voz que constrói maneiras de ver o mundo pensa a si como algo de síntese do mundo. Por que não seria assim com o registro imagético? A luta entre mentira e verdade da-na imagem, realidade e ilusão serão atributos que acompanham os contextos de produzir, dispersar e consumir imagens. Digo que, o aparente paradoxo metodológico da produção e usos da imagem em relação a certo discurso científico, ao invés de engessar a cena imagética, potencializa seus desdobramentos. O científico por si, seja nas discursividades, entendimentos ou abordagens, ainda é fonte de revisões e adaptações.

5) Desde Merleau-Ponty⁴, em O Visível e Invisível, é sabido que a visão, da perspectiva fenomenológica, reúne em si o visível e o invisível, logo, possuindo um duplo aspecto paradoxal: a efetividade da experiência de ver pressupõe uma dimensão subjetiva que

⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 2007.

exige o olhar que se dirige e projeta sentido para ver as coisas e, simultaneamente, para permitir à outrem ver, é necessário recorrer à exigência de que as coisas sejam visíveis, isto é, tenham uma materialidade, um sentido compartilhado, uma dimensão objetiva. O que quer dizer que aquilo que é visível sempre tem aspectos invisíveis e vice e versa. Isto dimensiona uma realidade concreta para o pesquisador em campo, um cientista social recorrentemente debruça-se sobre objetos invisíveis. Ou será que Bourdieu conseguiu ver o poder simbólico em si? Marcel Mauss conseguiu ver o Mana polinésio em si? Em seus trabalhos fotoetnográficos, como você encara essa dialética entre o visível e o invisível? É possível fotoetnografar os aspectos visíveis de um fenômeno cultural invisível vice e versa?

O desafio de ver já seria um vasto campo de possibilidades e limites. E some-se a esse contexto os alcances da percepção: conceitual, técnica, material, subjetiva, objetivamente posta, ou abstratamente vislumbrada. As mediações para ver ou captar o que chega ao olhar serão mesmo as nuances desse desafio que mencionei. O instante crítico do registro fotográfico resume coisas que certamente nenhuma palavra irá dar conta. Mesmo que tenhamos hoje a possibilidade técnica de mais que reproduzir registros, ampliando o cenário que Walter Benjamin discutiu, vale ter em mente o momento do clique em síntese com o saber e não saber de quem fotografa, sua escolha, seu senso estético, certa pretensão de verossimilhança do recorte do mundo que quer fotografar, escolhas representadas em frações de segundo e que valem naquele momento solitário do enquadramento um piscar de olhos, a fronteira entre o visto e o congelado, até o próximo registro. Talvez o ver de Merleau-Ponty seja uma dessas elaborações que nos exija repertórios. Mas também que acolhimento estou vivendo do mundo ao meu redor a partir do sentido da visão em protagonismo? Será mesmo que no alcance do conceito abstrato cabe toda visão de quem elaborou? Quando defino meu enquadramento fotográfico consigo compartilhar as sensações, vivências, percepções do que está fora do que será registrado? Esses mistérios do visto, sugerido ou invisível nos coloca num contexto do sempre fazer, do sempre construir mais um passo no sentido das percepções, e no caso da produção fotográfica, no próximo registro, da próxima sequência. A síntese de coisas visuais-invisíveis que nos modifica e que modificamos enquanto quadro de referências no aprimoramento do olhar. Se enquanto criatura simbólica imagino, sonho, projeto, vejo, contemplo, registro para novos ciclos de alimentação desse processo que não me permito deixar de acontecer. E sempre haverá alguma sensação de incapacidade de reunir tudo que está fora, seja de uma síntese conceitual, seja de um enquadramento fotográfico; e que o entendimento dessa limitação é o que nos leva mais adiante em busca de revelações, num jogo mesmo de iluminação, epifania, lampejo, inspiração...

6) *Suas produções, assim como a do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Antropologia Visual, da Imagem, do Som, Linguagens, Memória e Identidades (NAIMI) estão atravessadas por um marcador de regionalidade, qual seja, o amazônico. Neste diapasão, vários estudiosos da questão amazônica apontam uma relação entre representações sociais, que remetem às raízes coloniais, e a Amazônia. Porto Gonçalves⁵, por exemplo, demonstra que as várias imagens que esta região assume no imaginário nacional, estão submersas em perversidades como racismo e exotismo. Associa-se a região com atraso, com um suposto vazio demográfico que estabelece a vacuidade humana na região, portanto, reduzindo a Amazônia a uma pura natureza, logo, uma fonte incomensurável de recursos naturais que devem ser explorados pelo capital. Neste sentido, qual os desafios e incumbências éticas e políticas um pesquisador deve estar sensível para não reproduzir estas representações ao adotar o uso de imagens em contexto amazônico?*

O olhar dos pesquisadores e pesquisadoras precisa estar atento e atualizado. As regiões brasileiras, todas, possuem imagens que as concebem e definem de maneiras que nem sempre correspondem às suas realidades e particularidades. Sejam representações históricas, preconceituosas, criações perpetuadas no tempo, sejam ilustrações, trabalhos fotográficos potentes em fortes registros e representações, filmes, documentários, artes plásticas ou representações nas artes e meios de comunicação em geral. Dito isso, acredito que qualquer pesquisa, e toda disposição para pesquisa e observação deve acolher os lugares e suas visualidades com o sensível entendimento que não somos donos de nada, nada se constrói sozinho, somos responsáveis por tudo que ocorre à nossa volta, perto, distante. E isso compõe um conjunto de nossos desafios e demandas. As pesquisas que desenvolvo, as proposições e desdobramentos no NAIMI, ou as orientações de projetos de discentes e colaboradores e colaboradoras envolvidos com o núcleo, estão presentes o lugar onde estamos situados mais diretamente, o estado do Amapá, seus municípios, a capital Macapá, suas periferias e centro, as sociabilidades, potenciais e problemas sem esquecermos os horizontes possíveis. Nisso contam as parcerias acadêmicas distantes, locais, os-as informantes nos trabalhos de campo, o alunado e colaboradores que adentram e saem das pesquisas compondo o movimento normal dos interesses ora de grupo, ora individuais. Mas é importante dizer que estamos no norte do Brasil, registrando e preocupados com a cena local e regional. Vivenciamos problemas evidentes, históricos, estruturais, que não devem ser vistos de forma caricatural, folclórica, imediatista. É certo que encontramos os arroubos em argumentos sobre a região norte do Brasil, lugar onde está situada a grande e vasta floresta, as diversidades culturais e humanas, o grande Rio Amazonas, as riquezas minerais de fauna e flora, seus problemas e potenciais. Há muito desconhecimento sobre o lugar. Muito já

⁵ PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *Amazônia: encruzilhada civilizatória. Tensões territoriais em curso.* Obrajes: IPDRS - Instituto para el Desarrollo Rural de Sudamérica, 2018.

se pesquisou e se pesquisa. A provocante ideia da canção de Aldir Blanc e Maurício Tapajós, cantada por Elis Regina, de que o “Brasil não conhece o Brasil”⁶ é importante. Para que haja desafios e processos dados aos pesquisadores e pesquisadoras brasileiras é preciso que tenhamos igualmente um cenário de pesquisas reconhecidas e apoiadas, vigorosas, em condições de produzir o melhor que a mentalidade científica brasileira é plenamente capaz de desenvolver, sem negacionismos ou precarizações. Há fazedores e fazedoras de pesquisa e conhecimento na região. Mas ainda há algum entendimento de que estamos na periferia de certo fazer científico. Ledo engano. A região norte do Brasil, com suas particularidades e contradições é cenário de cobiça, desconhecimento, disputas. Na esteira dessas forças está um população que na força, muitas vezes da insalubridade, ocupa, presentifica o espaço, danifica ambientes, busca preservações e conservações, na luta incessante desse projeto igualmente contraditório de progresso. Diante desses contexto estão mais que postos os desafios institucionais no sentido de construção de conhecimento e fazer científico, e além da ciência, e aqui, ali, mais além estamos na colaboração enquanto grupo de estudos e pesquisas.

7) Entre suas preocupações intelectuais, encontra-se o tema das cidades amazônicas em suas várias dimensões: as múltiplas possibilidades de existência urbana, as resistências e lutas políticas, os modos de vida rural e urbano, a forma que os sujeitos históricos experienciam a cidade etc. De que forma o uso das imagens lhe auxilia na compreensão destas temáticas? Neste plano concreto de seu trabalho, a partir de quais instrumentos metodológicos você consegue explorar a incomensurável riqueza visual da cultura urbana sem negligenciar o marcador regional?

Vivendo na região norte do Brasil, em meio ao cotidiano de sentidos, práticas, processos e desafios não haveria contexto para negligenciar o protagonismo dessas realidades no fazer imagético. Vivo na capital do Amapá, Macapá, única capital do país a ser honrada pelo vasto Rio Amazonas, lugar de terras preservadas, com riqueza humana, étnica e cultural. Nesse caldeirão, como posso dizer, de motivos que chegam aos olhos, as práticas imagéticas contemplam recortes variados. Seja a partir da linguagem fotográfica ou do audiovisual há sempre o que ver e registrar, haverá sempre o que fica para novas abordagens. Importante destacar que o desafio da imagem atualiza o desafio da percepção. Olhar e ver, desanuviar, destacar, mostrar, possibilitar o conhecimento dos cenários dinâmicos para outros públicos. Os cruzamentos ou encontros entre as vidas rurais, ribeirinhas, indígenas, negras e quilombolas e a vida urbana ensejam reflexões ricas seja na contemplação e registros de rostos, eventos,

⁶ Para uma boa audição da canção Querelas do Brasil, de Aldir Blanc e Mauricio Tapajós: <https://www.youtube.com/watch?v=bkENNwwCqgM>.

paisagens, dinâmicas próprias das cidades e localidades. Para quem pesquisa o fenômeno humano, tendo a paciência e sensibilidade de ver o mundo lá fora como essa rede de relações materiais e significativas potenciais e ativas obterá, certamente, motivos sempre diversos e renovados para não parar de ver e registrar. Os trabalhos com imagens, por fim, possibilitam, em parte de minha atuação acadêmica, a disposição de sempre buscar renovar o olhar sobre o mundo em redor. Essa renovação segue o esforço, mas também o prazer de rever categorias de pensamento, aliada a certo cuidado técnico e conceitual sobre o que se pensa e faz sobre imagem na contemporaneidade. Esses encaminhamentos certamente tem me auxiliado a quando, até mesmo antes de ter uma câmera na mão, ou antes mesmo do clique, pensar eticamente a imagem, tendo responsabilidades sobre os desdobramentos do que será registrado, com será e com quais propósitos. Num mundo amplamente imagético minha contribuição não deve ser arrogante nem preconceituosa.

8) Por fim, como o senhor avalia o estado da arte das narrativas visuais nos estudos amazônicos? Além do NAIMI, quais outros grupos de pesquisa estão preocupados com estas questões? Existe uma tradição de estudos nesta temática estabelecida ou em vias de se estabelecer?

Os usos da imagem, a construção e narrativas visuais, já são realidade em publicações produzidas no norte do Brasil. Vide as publicações periódicas e suas sessões com imagens, documentos audiovisuais, até mesmo o resultado de trabalhos de graduação e pós-graduação, tendo a imagem às vezes como protagonista, às vezes como ferramenta valoriza de pesquisa. Ou mesmo disposições locais, mas com ligações mais amplas como a que a realizamos em parceria com a professora Silvia Costa reunindo pesquisas das mais diversas fontes⁷. Há uma cena forte de pesquisa na região. Nesse sentido, é importante acompanhar os trabalhos do grupo Visagem, da UFPA, coordenado pela professora Denise Cardoso. Vale destacar que nem todas as Instituições de Ensino Superior do norte do Brasil possuem cursos de Sociologia, Antropologia ou Ciências Sociais, ainda assim temos uma realidade potencial para ampliar esses cenários de trabalhos com imagem. Não se deve esquecer que, para além de uma cena institucional, é preciso destacar as produções imagéticas individuais ou em grupos independentes. Esses sujeitos do trabalho com a imagem divulgam de maneira valorosa as realidades da região na luta pela visibilidade e reconhecimento. Há que destacar ainda que os grupos institucionais muitas vezes estabelecem relações com outros programas acadêmicos, e nesse sentido as redes de relação são constituídas mais amplamente, ainda

⁷ <http://www2.unifap.br/editora/files/2021/07/cultura-imagem-e-contextos.pdf>.

que haja uma predominância de coletivos do centro-sul do Brasil nesse campo de pesquisa. Para isso é importante acompanhar o Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia.

O campo de pesquisa com imagem é instigante. Espero que tenha colaborado um tanto nesse diálogo. Mais uma vez agradeço o espaço e a provocação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Luciano Magnus de; COSTA, Silvia Carla Marques (org.). **Cultura, imagem e contextos**: processos de pensamento e pesquisa na Antropologia, Sociologia e Artes Visuais. 2021. Disponível em: <<https://www2.unifap.br/editora/files/2021/07/cultura-imagem-e-contextos.pdf>> Acesso em: 06 mar 2023.

BATHESON, Gregory; MEAD, Margarret. **Balinese Character**: a photographic analysis. New York: New York academy of Sciences, Vol. II, 1942.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2017.

BENJAMIM, Walter. **A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica**. Porto Alegre: LP&M, 2018.

CAV - **Comitê de Antropologia Visual**. Disponível em: <<https://cavantropologiavis.wixsite.com/cavaba/laboratorios-e-grupos>> Acesso em: 05 fev 2023

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Saudades de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Nanook of the North (Flaherty, 1922). Disponível em: <https://youtu.be/lkW14Lu1IBo> Acesso em: 03 jan 2023.

Tunniit: Retracing the Lines of Inuit Tattoos. Disponível em: <https://youtu.be/1P3PsdFi4Hg> Acesso em: 03 fev 2023.